

Ludicidade e dislexia: uma proposta de ensino com um aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Resumo: A aplicação de jogos é extremamente substancial, pois constitui-se um fator didático, considerado um elemento favorável para o processo de ensino-aprendizagem para aqueles professores que têm intenção de motivar seus alunos ao aprendizado. Objetivou-se com este trabalho refletir sobre a relação e a influência do jogo na aprendizagem de um discente da EJA com dislexia. O jogo é composto por um tabuleiro, por um dado, por dois pinos, seis pacotes de letras e uma cruzadinha. Como resultados, ele acertou 4 palavras na 1ª tentativa e outras 2 na 2ª tentativa. No caso do ditado, com oito palavras, o aluno acertou 3 palavras na 1ª tentativa. Portanto, tem-se uma avaliação positiva e promissora, se houver um trabalho pedagógico contínuo por parte de seus professores, o aluno terá um grande potencial de crescimento na competência linguística.

Palavras-chave: Dislexia. Jogo. EJA. Proposta metodológica.

Ludicity and dyslexia: a teaching proposal with a student of Youth and Adult Education (EJA)

Abstract: The application of games is extremely substantial, as it constitutes a didactic factor, considered a favorable element for the teaching-learning process for those who intend to motivate their students to teach. The objective of this work was to reflect on the relationship and influence of the game in the learning of a student of EJA with dyslexia. The game consists of a board, a dice, two pins, six packets of letters and a crossword. As a result, he got 4 words right on the 1st try and 2 words on the 2nd try. In the case of the dictation, with eight words, the student got 3 words right on the 1st attempt. Therefore, there is a positive and promising evaluation, if there is continuous pedagogical work on the part of their teachers, the student will have a great potential for growth in linguistic competence.

Keywords: Dyslexia. Game. EJA. Methodological proposal.

Jarbas de Negreiros Pereira

Mestrando em Educação (UFC). Professor na rede pública de ensino municipal de Ibiapina. Ceará, Brasil.

 orcid.org/0000-0002-3673-5231

 jarbasnegreiros03@gmail.com

Gabriela de Aguiar Carvalho

Mestranda em Educação (UFC). Professora na rede pública de ensino municipal de Fortaleza. Ceará, Brasil.

 orcid.org/0000-0001-6723-9735

 gabrieladeaguiarcarvalho@gmail.com

Recebido em 30/09/2020
Aceito em 12/02/2021
Publicado em 17/03/2021

 eISSN 2675-1933
[10.37853/pqe.e202119](https://doi.org/10.37853/pqe.e202119)



Lúdico y dislexia: una propuesta didáctica con un alumno de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA)

Resumen: La aplicación de juegos es sumamente sustancial, ya que constituye un factor didáctico, considerado un elemento favorable para el proceso de enseñanza-aprendizaje de aquellos docentes que pretenden motivar a sus alumnos a aprender. El objetivo de este trabajo fue reflexionar sobre la relación y la influencia del juego en el aprendizaje de un alumno de EJA con dislexia. El juego consta de un tablero, un dado, dos pines, seis paquetes de cartas y una cruz. Como resultado, obtuvo 4 palabras correctas en el primer intento y otras 2 en el segundo intento. En el caso del dictado, con ocho palabras, el alumno acertó 3 palabras en el 1er intento. Por tanto, hay una evaluación positiva y prometedora, si existe un trabajo pedagógico continuo por parte de sus profesores, el alumno tendrá un gran potencial de crecimiento en la competencia lingüística.

Palabras clave: Dislexia. Partido. EJA. Propuesta metodológica.

1 Introdução

O presente relato surgiu a partir da queixa e inquietações de uma professora de português, segundo a qual um aluno matriculado em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), não se concentrava durante as aulas, apresentando um raciocínio lento, e em alguns momentos demonstrava querer “adivinhar” as respostas, apresentando assim dificuldades em leitura e escrita, caracterizando um quadro de dislexia¹.

Em busca de entender a situação de forma mais ampla, não se restringindo apenas ao relato exposto ou ao parecer psicopedagógico, foram feitas algumas observações/acompanhamentos em sala para averiguar como as aulas eram conduzidas por cerca de um mês. Percebeu-se um forte traço no uso de metodologias tradicionais, sendo as aulas limitadas a exposição do professor utilizando neste período apenas pincel e quadro branco. Ressaltamos que não há problemas em utilizar tal metodologia e/ou

¹ O discente foi avaliado por uma Psicopedagoga, que emitiu um parecer diagnosticando uma situação de dislexia.

recursos pedagógicos em turmas de EJA, mas considerando que este aluno possui um quadro de dislexia, seria esse o melhor caminho pedagógico a seguir?

Portanto, tendo em vista as dificuldades apresentadas pelo discente, surgiu a seguinte hipótese a ser testada: será que a utilização de atividades lúdicas na área da leitura/escrita para este aluno poderia ajudá-lo a ter uma aprendizagem mais significativa, já que nos modelos tradicionais não estava apresentando resultados satisfatórios?

Para a realização dessa atividade, criamos um jogo intitulado: “Construção”, relacionando-o a dois pontos principais. O primeiro, referente à vivência do aluno, buscando remeter a algo que ele sentisse prazer. O discente relatou gostar bastante de trabalhar, sendo seu local de trabalho um depósito de construção. Já o segundo ponto, nome do jogo, também remete à construção/formação de palavras, em que o aluno já tem um contato com os objetos utilizados no jogo em seu dia a dia, no desenvolvimento de suas atividades laborais.

Ressaltamos que a aplicabilidade do jogo pode ser destinada a qualquer aluno que possui um quadro de dislexia, como também o de ser adaptado às vivências e necessidades individuais discentes. Neste caso, pelo fato de o aluno suprimir e/ou acrescentar letras de maneira equivocada, foi utilizada em conjunto a cruzadinha, já para contornar essa dificuldade.

Essa experiência foi inspirada nos estudos de Vygotsky, levando em consideração que o aluno é um ser histórico trazendo consigo uma influência do mundo e de seu meio social (MEDINA, 2014), bem como em estudos de Piaget, levando em consideração a questão de esquemas e dos processos de equilíbrio/desequilíbrio por meio da assimilação e acomodação, onde o aluno ao deparar-se com uma nova situação, buscará fazer uma associação com o que ele já sabe, promovendo a aprendizagem.

A aplicação de jogos é extremamente substancial como enfatiza Teixeira (1995), ao afirmar que o jogo é um fator didático, altamente importante, considerado um elemento de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem para aqueles professores que têm intenção de motivar seus alunos ao aprendizado. Ressaltamos que os doentes podem fazer o uso de outros recursos didáticos que fomentem a participação,

curiosidade, motivação e interesse do aluno pela matéria. Porém, neste trabalho, falaremos sobre a utilização do jogo, como recurso lúdico para o processo de desenvolvimento da aprendizagem discente.

Assim, este relato apresenta-se como uma oportunidade de compartilhar uma experiência vivenciada com um discente da EJA, contribuindo para a prática pedagógica de professores que lidam com essas dificuldades no desenvolvimento de suas atividades, pois ao trabalhar a leitura/escrita com a ludicidade, como a utilização de jogos para um aluno da EJA, estamos contribuindo para desenvolvimento do indivíduo, porque o lúdico tende a facilitar o processo de aprendizagem. Ressaltamos, ainda, as contribuições da utilização de recursos lúdicos para as Instituições de ensino, no qual pode proporcionar aos discentes uma maior motivação, instigando-os a participarem das atividades em sala de aula, contribuindo para uma diminuição de uma possível evasão escolar, um assunto bastante complexo de se resolver na atualidade. Além disso, este relato também contribui com o que está assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Nº 9.394/96, em seu artigo 37, destinando uma educação a quem não teve acesso ou continuidade no ensino regular (BRASIL, 1996), alunos esses da Educação de Jovens e Adultos.

Portanto, objetivamos com esse relato refletir sobre a relação e a influência do jogo na aprendizagem de um discente da EJA com dislexia.

2 A educação de jovens e adultos na legislação

Nos últimos anos, temos presenciado diversos estudos e pesquisas envolvendo a temática Educação de Jovens e Adultos (EJA). Autores como Lima (2021), Amorim & Duques (2017), Klinke & Antunes (2008) apresentam pesquisas de fundamental importância para compreendermos esse campo de atuação, principalmente no que se refere à formação docente. No tocante à Legislação brasileira, podemos citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, (BRASIL, 1996), bem como o Parecer CNE/CEB 11/2000, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000), como documentos de grande destaque quando falamos sobre as políticas públicas referentes à EJA. A LDBEN, na Seção V, que trata sobre a EJA,

mais especificamente em seu Art. 37º, salienta que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 1996, p.30).

Nesse sentido, percebemos que a LDBEN reconhece o direito ao ensino gratuito àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino Fundamental e Médio na idade regular. No entanto, salientamos que apesar de compreendermos o sentido do termo “idade própria” que consta na LDBEN, acreditamos que não existe uma idade certa quando alguém decide realmente estudar. Assim sendo, as pessoas podem dar continuidade aos estudos com 20, 30, 40... ou 70 anos. Desta forma, entendemos que nunca é tarde para iniciar ou retomar os estudos, em busca de novos conhecimentos e aprendizagens. De acordo com o Parecer Nº 11/2000, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos salienta-se que,

a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (Brasil, 2000, p.5).

Nesse sentido, percebemos que a EJA se constitui como uma dívida social, ou seja, da sociedade para aqueles que foram privados do acesso à educação, de forma gratuita e qualitativa, privando-os da aquisição da leitura e da escrita, imprescindíveis para a nossa sociedade atual.

Sabemos que muitos discentes matriculados na EJA, são sujeitos trabalhadores, mães e pais de família, em que muitas vezes, versam os papéis de trabalhador, mãe/pai e estudante, buscando melhores condições de vida e trabalho. Outras vezes, são jovens, que precisaram se ausentar do ambiente escolar para buscar trabalho que pudesse prover uma alimentação mínima para a família. Nesse sentido, são variáveis as realidades vivenciadas por estudantes da EJA, que precisam de um olhar sensível por parte da escola, professores e sociedade, com objetivo de motivá-los a continuar o seu processo de desenvolvimento, de forma autônoma e prazerosa. Para Klinke & Antunes (2008, p.444), “O alunado da modalidade de EJA é formado de pessoas que voltam para a escola ou nela chegam tardiamente, conforme os padrões oficiais de ensino, já com um

sentimento de inferioridade por não terem o sucesso escolar socialmente desejado”. Desta forma, o trabalho docente se faz imprescindível na busca de fomentar a permanência desses discentes no ambiente escolar, buscando trabalhar com a realidade vivenciada por esses discentes, buscando recursos e metodologias didáticas que se adequem à essa modalidade de ensino, instigando o anseio discente pelo aprender.

Klinke & Antunes (2008) apresentam reflexões sobre a formação inicial de professores para atuar na EJA, em que se busque apresentar a realidade social e cultural desses alunos. As autoras ressaltam que “as questões metodológicas para esta modalidade passam como uma mera adequação do que é planejado para as crianças da educação básica” (Klinke & Antunes, 2008, p.450). Percebemos, portanto, a importância de o professor conhecer a realidade dos seus alunos, buscando fazer uso de metodologias de ensino que sejam condizentes com a sua realidade, suas vivências, e não propondo atividades como se os discentes da EJA fossem alunos da Educação Básica, o que pode provocar uma possível desmotivação e uma evasão escolar.

A importância de uma formação docente que contemple a realidade dos alunos da EJA também foi evidenciada nos estudos de Amorim & Duques (2017), ao salientar que, em uma parte dos municípios baianos, os alunos da EJA não se sentiam favorecidos com o ensino desenvolvido no ambiente escolar. Desta forma, os autores denotam uma:

carência na formação docente, uma vez que o professor, muitas vezes, atua na EJA do mesmo modo que atua no ensino regular e não busca metodologias adequadas aos educandos da EJA. Destarte, os desafios da EJA estão intimamente vinculados aos do processo de formação docente (Amorin & Duques, 2017, pp.231 – 232).

Portanto, torna-se imprescindível que os futuros docentes tenham acesso a uma formação inicial que os habilitem para trabalhar com a EJA, de forma qualitativa e emancipadora. Ressaltamos ainda, a importância das Secretarias de Educação municipais e estaduais no fomento ao desenvolvimento de formações continuadas aos docentes que lecionam na EJA, buscando apresentar e promover reflexões sobre as realidades discentes, aprimorando os conhecimentos e aprendizagens que almejam por uma formação docente adequada, visando ao pleno desenvolvimento discente, em todas as suas dimensões.

3 Conceituando a dislexia

Com a realização e a divulgação de pesquisas científicas, fica cada vez mais claro conhecer e compreender questões/inquietações que surgem no âmbito escolar, em que muitas das vezes era desconhecida por alguns educadores, como por exemplo, as dificuldades de aprendizagem.

Muitos foram os mitos acerca das dificuldades de aprendizagem, tais como: a dislexia. Ora, se o estudante dislexo não apresenta aprendizagem satisfatória nos campos da leitura e da escrita, é de se conjecturar de forma natural a formação docente, muitas vezes precárias, oferecida por cursos de Licenciaturas no Brasil, já que não abordam tais questões, não preparando o profissional para lidar com a realidade. Nesse sentido, é comum muitos docentes afirmarem: O aluno não aprende porque tem um QI (quociente de inteligência) menor; não aprende por preguiça ou porque é desinteressado e não presta atenção, até chegar ao ponto: o aluno não aprende, muitas vezes, porque tem um distúrbio, como a dislexia. Ianhez & Nico (2002) esclarecem e definem a dislexia como:

É uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. É hereditária e a maior incidência é em meninos na proporção de três para um (Ianhez & Nico, 2002, p.20).

De acordo com as autoras supracitadas, a dislexia não é doença e sim um distúrbio. Desta forma, a doença se trata, com a pretensão de um controle ou uma possível cura, já o distúrbio não tem cura, pois o indivíduo já nasce com um déficit em alguma área do seu arcabouço cognitivo, no entanto, o fato de a criança apresentar dislexia não é um impedimento para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Nesse sentido, se faz necessário um olhar sensível docente para lidar com essas dificuldades e buscar estratégias que auxiliem esse aluno em seu processo de aprendizagem. Teles (2003) aponta três áreas distintas afetadas: o hemisfério esquerdo (desempenha funções chave no processo de leitura); região inferior-frontal (área da linguagem oral) e na região parietal-temporal (área onde é feita a análise das palavras).

Desta forma, é imprescindível que os profissionais ligados à educação, utilizem recursos didáticos lúdicos e diferenciados em sala de aula, utilizando as melhores

estratégias de ensino, para que haja uma efetiva aprendizagem, de forma qualitativa e satisfatória.

Outra questão pertinente é que o aluno dislexo, por mais que possua um déficit na questão linguística/fonológica, não possui um comprometimento do intelecto. Nos últimos anos, estudos nos campos das neurociências, revelaram compreensões da inteligência que vão além de um número fechado como é fornecido pelo QI.

A Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1998) nos mostrou um leque de visões sobre a inteligência, ou melhor, sobre as inteligências, onde o ser humano possui nove habilidades cognitivas, são elas: inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência lógica-matemática, inteligência espacial, inteligência corporal-cinestésica, inteligência verbal-linguística, inteligência musical, naturalista, existencial e pictórica. Desta forma, o aluno dislexo pode não ter uma inteligência linguística desenvolvida, no entanto, poderá ter esse desenvolvimento nas outras áreas, como pode ocorrer com qualquer indivíduo.

8

As autoras Ianhez & Nico (2002) destacam que as crianças com dislexia não possuem apenas dificuldades, pelo contrário, algumas possuem habilidades e talentos em outras áreas, como por exemplo: facilidade para construir, ou consertar as coisas quebradas; serem um ótimo amigo; ter ideias criativas e achar soluções originais para os problemas; desenhar e/ou pintar muito bem; ter ótimo desempenho no esporte; ter ótimo desempenho na música; entre outras habilidades.

3.1 Tipos e sintomas de dislexia

Na Literatura atual, encontramos diversos autores que classificam a dislexia sob diferentes perspectivas, entre as quais, testes diagnósticos, vv, pedagógicos e psicológicos. Almeida (2009) elenca cinco tipos de dislexia, sendo a primeira chamada de disfonética, caracterizada pela dificuldade na percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração, em outras palavras, quando se acostumam com uma palavra possuem uma facilidade no reconhecimento, mas quando se deparam com palavras novas, apresentam dificuldades

em compreendê-las, perpassando suas competências, não conseguindo lê-las, tampouco escrevê-las.

O segundo tipo de dislexia é a diseidética, caracterizada pela dificuldade de percepção visual do indivíduo, principalmente na sua percepção gestáltica, ou seja, neste tipo, os discentes possuem uma leitura silábica pausada, não atingindo a construção da palavra, havendo, por conseguinte, uma dificuldade maior na leitura do que na escrita.

Já o terceiro tipo é a denominada dislexia visual, comprometendo a percepção visual e a coordenação viso motora, não visualizando cognitivamente o fonema. O quarto tipo é a dislexia auditiva, havendo uma deficiência na percepção auditiva. E por fim, o último tipo é a chamada dislexia mista, esta é resultante da combinação de outras dislexias. As autoras Ianhez & Nico (2002, p.35) elencam uma série de sintomas que pessoas disléxicas podem apresentar, tais como: “Dificuldade com a coordenação motora fina e grossa, dificuldade no processamento auditivo, dificuldade visuoespacial, discalculia, disgrafia, disnomia, memória de curto prazo, excelente memória de longo prazo, dispersão, entre outros”. Nesse sentido, Gonçalves & Navarro (2010, p.18) relatam que a dislexia pode ser facilmente identificada, através dos sintomas mais comuns durante a leitura de determinados dígrafos, vogais e consoantes determinadas, vejamos abaixo:

Os sintomas do distúrbio são: pronúncia com arritmia, omissão de letras ou sílabas, omissão ou adição de sons: Casa lê casaco, prato lê pato; ao fazer a leitura pula-se linha ou volta para a anterior; leitura silabada e lenta para idade, entonação inadequada, palavras mal agrupadas, cortes; hesitações e pontuação não respeitada, dificuldades na interpretação, dificuldades em análise e síntese; dificuldade para resumir; confusão de letras, sílabas ou palavras que se parecem graficamente: a/o, e/c, f/t, m/n, v/u, inversão de letras com grafia similar: b/p, d/p, d/q, b/d, n/u, a/e; inversões de sílaba: am/me, sol/los, sal/las, par/pa.

Desta forma, se faz necessário que o professor ao desenvolver sua prática pedagógica tenha um olhar diferenciado sobre alguns destes sinalizadores apresentados pelos discentes. É notório que ao longo do processo de aprendizagem, os erros estejam presentes, isso é normal e necessário, porém, erros que persistem, e que se repetem devem ser observados pelos discentes, com o objetivo de auxiliar os discentes em seu processo de desenvolvimento.

Sabemos que o diagnóstico de dislexia é realizado por uma equipe multiprofissional, como um psicopedagogo, por exemplo. Nesse sentido, o professor não tem os conhecimentos específicos e necessários para realizar o diagnóstico. No entanto, em sala de aula, no que concerne a uma possível identificação do distúrbio (dislexia), com a apresentação de vários sintomas característicos pelos discentes, é preciso que os docentes conversem com a gestão escolar, bem como com a família, para que esse discente seja encaminhado a especialistas que possam auxiliá-lo, pois sabemos da importância da parceria entre a escola, a família para fomentar o desenvolvimento dessa criança.

Portanto, é fundamental que os docentes desenvolvam atividades diferenciadas para esse aluno que apresenta dificuldades em sua aprendizagem, buscando aprimorar o seu desenvolvimento, trabalhando suas deficiências, pois, o professor, como um profissional que tem como objetivo facilitar/mediar a aprendizagem discente, poderá e deverá fazê-lo, de forma qualitativa e satisfatória.

4 A ludicidade nos processos de ensino e aprendizagem

Nos últimos anos, pesquisas e estudos de diversos autores têm nos mostrado os benefícios da utilização de metodologias de ensino que envolvem a ludicidade no processo de ensino e aprendizagem, tais como: Castilho & Tonus (2008), Santos (2010), entre outros. Desta forma, a utilização da ludicidade como metodologia de ensino pode se configurar como um valioso instrumento para o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, Modesto & Rubio (2014) afirmam que,

Alguns educadores têm dificuldade em perceber a importância da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem. Porém profissionais da educação comprometidos com a qualidade de sua prática pedagógica, reconhecem a importância do lúdico como veículo para o desenvolvimento social, intelectual e emocional de seus alunos. Para entender o universo da ludicidade é necessário compreender que ele envolve os jogos, os brinquedos e as brincadeiras (Modesto & Rubio, 2014, p.2).

De acordo com as autoras, percebemos que muitos professores demonstram dificuldades em compreender a importância da ludicidade no desenvolvimento da aprendizagem discente, como um recurso didático que pode possibilitar um maior

envolvimento discente no processo de aprendizagem. Ainda de acordo com as autoras, a ludicidade envolve a utilização de brinquedos, brincadeiras e jogos. Santos (2010, p.12) salienta que “muitas vezes, no contexto educacional, o brincar é considerado como um estorvo no processo de aprendizagem. Educadores não admitem que as crianças brinquem no ambiente educativo, ignorando as brincadeiras ou até mesmo proibindo tais atividades”. Desta forma, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras não são considerados pelo professor no momento do planejamento, pois geralmente se acredita que as crianças não aprendem durante o desenvolvimento dessas atividades.

Todavia, pesquisas apontam os benefícios da utilização do lúdico no ambiente escolar como forma de motivar e impulsionar a participação discente nas atividades. Na infância, Santos (2010) enfatiza que a utilização de metodologias de ensino, de forma lúdica, proporcionará:

À criança, estabelecer relações cognitivas junto às experiências vivenciadas. Isso se deve ao fato de que, no ato de brincar, com certeza não se aprende somente os conteúdos escolares, se aprende sobre a vida, e se adquire experiências para lidar com situações de enfrentamento quando necessário. Brincando, a criança se diverte, faz exercícios, constrói seu conhecimento e aprende a conviver com outras crianças (Santos, 2010, p.8).

Nesse sentido, a utilização de recursos lúdicos pelos docentes, através de jogos, brinquedos e brincadeiras, pode proporcionar uma aprendizagem mais significativa às crianças, de forma que fomentem o desenvolvimento da sua autonomia e respeito ao próximo, aprendendo a lidar com frustrações de perda em um jogo de regras, por exemplo. Já com relação à utilização da ludicidade na EJA, Castilho & Tonus (2008, p.2) salientam que “é muito importante que esses alunos tenham esses momentos de aprendizagem com descontração, pois embora não sendo mais criança, um dia já foram e já aprenderam muito com isso”.

Nesse sentido, não se trata de infantilizar as atividades desenvolvidas com os discentes da EJA. Mas, trata-se de propor atividades instigantes, que estimulem o desejo dos alunos pelo aprender, pois sabemos da realidade enfrentada por alunos da EJA, em que muitas vezes trabalham o dia inteiro, cuidam da casa e/ou desenvolvem outras atividades cotidianas. Dessa maneira, propor um ensino tradicional, centrado apenas em exercícios pode provocar um desestímulo por partes dos discentes, fomentando uma evasão futura do ambiente escolar.

Salientamos a importância da conscientização dos professores acerca dos recursos didáticos e metodológicos que utilizarão com esse público em específico, da EJA, no sentido de auxiliá-los na continuidade de seus estudos, promovendo assim o seu desenvolvimento de forma qualitativa e prazerosa.

Neste relato, refletiremos mais especificamente sobre a utilização do jogo como um recurso lúdico no processo de aprendizagem da leitura e escrita de um discente da EJA com dislexia.

5 Metodologia

Este relato de experiência se caracteriza como uma pesquisa exploratória e descritiva, de acordo com Gil (2008). Realizamos uma revisão bibliográfica acerca das temáticas discutidas nesse texto, que são a EJA e dislexia, utilizando principalmente artigos científicos para fundamentar teoricamente a pesquisa desenvolvida. “Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla” (Gil, 2008, p.27).

Por também se tratar de uma pesquisa descritiva, como já citado anteriormente, descrevemos como ocorreu o desenvolvimento da atividade com um discente da EJA. Para Gil (2008, p.28), “[as] pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...]”.

Desta forma, a realização deste trabalho foi dividida em duas etapas principais, a saber: pesquisa bibliográfica e o desenvolvimento da atividade. Após a busca e a leitura de artigos científicos sobre a EJA e a dislexia, realizamos a pesquisa de campo, foi realizada em uma Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental do Município de Ibiapina-Ceará². Conversamos com o grupo gestor da Instituição para que pudéssemos realizar a atividade com o discente que, segundo a professora da disciplina de Língua Portuguesa, apresentava dificuldades em sua aprendizagem.

² Município localizado no Estado do Ceará. De acordo com o IBGE, a cidade possui uma população estimada em 25.082 habitantes (2020). Para maiores informações sobre a cidade, disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/ibiapina.html>

5.1 Sobre o sujeito da pesquisa

A identificação do discente será mantida em sigilo. O aluno não possui um laudo médico, no entanto, possui um parecer psicopedagógico, com data de 2018, evidenciando um quadro de dislexia. Esse parecer foi elaborado pela psicopedagoga da escola onde o discente estuda. Após iniciarmos o contato com o aluno, descobrimos que ele trabalha em um depósito de material de construção. Nesse sentido, desenvolvemos um jogo intitulado “*Construção*”. Esse jogo pedagógico consistia em atividades que envolviam a leitura e a escrita, dificuldades essas apresentadas e relatadas pela professora de Língua Portuguesa. Ao final da atividade, realizamos um ditado com as principais palavras-chave apresentadas no jogo pedagógico.

6 Resultados

6.1 Criação do jogo

O jogo é composto por um tabuleiro (figura 01), no qual trabalhamos com a linguagem visual, sendo formado: por um dado, por dois pinos, seis pacotes de letras (figura 02) e uma cruzadinha (composta de sete palavras, sendo elas: Construção (já explícita), areia (nº1), tijolo (nº2), telha (nº3), ferro (nº4), cimento (nº5) e casa (nº6)), representada na figura 03.



Figura 01 – Tabuleiro do jogo pedagógico “Construção”
Fonte: Elaborado pelos autores

Já o jogo pedagógico consiste em auxiliar o pedreiro a construir uma casa, em que ao longo do caminho percorrido no tabuleiro, ele vai coletando os materiais necessários para a construção do imóvel.

6.1.2 Das regras do jogo

Os pinos mover-se-ão de acordo com o lançamento do dado. Quando um pino parar e/ou passar na casa intitulada “*Cruzadinha*”, o aluno receberá um pacote de letras para completar a cruzadinha. Cada pacote de letras é referente a uma palavra da Cruzadinha. Desta forma, se o pino parar e/ou passar pela cruzadinha de número 01 do tabuleiro, entregaremos para o discente o pacote número 01, para que ele possa formar a palavra indicada pelo desenho presente no tabuleiro.

Ressaltamos dois pontos importantes do jogo: primeiro, ele só voltará para o tabuleiro quando finalizar a formação da palavra de forma correta; segundo ponto a ser destacado: os pacotes de letras que ele receberá, de acordo com o desenvolvimento do jogo, intensificarão o grau de dificuldade, pois, no 1º pacote, ele receberá 2 letras a mais do que a quantidade de letras a ser formada; já no 2º pacote, serão 4 letras a mais; no 3º pacote, 6 letras a mais; no 4º pacote, 8 letras a mais; no 5º pacote, 10 letras a mais e no 6º pacote, 12 letras a mais. Nesse sentido, ganhará simbolicamente, quem ajudar o pedreiro a construir a casa.

6.2 Aplicação do jogo e análises/observações do desempenho do aluno

Segundo Sampaio (2016) a utilização do jogo na psicopedagogia pode possibilitar a observação de diversas situações, tais como: concentração, raciocínio lógico, relação com o erro, entre outros. Assim, durante o desenvolvimento da atividade/jogo, o aluno manteve-se bem focado, o que contrasta com seu jeito, já que ele tem uma tendência de se dispersar facilmente durante as aulas. Acreditamos que isso ocorreu, possivelmente, pelo aspecto visual que o jogo tem, por ser bem ilustrado e ser bastante colorido. Percebemos que o discente ficou muito motivado para participar da atividade, tendo em

vista ser um jogo e um aprendizado que corresponde com a realidade vivenciada em seu local de trabalho.

Durante o desenvolvimento da atividade, mais especificamente, na cruzadinha, ele acertou na primeira tentativa, a formação das palavras: areia (nº1), tijolo (nº2), ferro (nº4) e casa (nº6). Já a formação das palavras: telha (nº3) e cimento (nº5), o aluno finalizou na segunda tentativa, pois ao formar a palavra *telha*, ele trocou de posição o “h” pelo “a”. Já na palavra *cimento*, ele trocou a posição das sílabas “men” e “to”.

6.3 A revisão das palavras estudadas na atividade por meio do ditado

Após a finalização do jogo pedagógico, aplicamos um ditado simples, utilizando uma folha com pauta. Essa atividade foi realizada em outro encontro. O ditado foi aplicado com as principais palavras-chave do jogo com o objetivo de ter uma noção se houve uma aprendizagem significativa para o discente. As palavras utilizadas no ditado foram: ferro (1º), areia (2º), tijolo (3º), casa (4º), cimento (5º), prego (6º), telha (7º) e fio(8º).

Quadro 01 – Palavras formadas pelo discente por meio do ditado

| Palavras utilizadas no ditado | 1º Tentativa | 2º Tentativa | 3º Tentativa |
|-------------------------------|--------------|--------------|--------------|
| Ferro | Feor | Fero | Ferro |
| Areia | Area | Areia | - |
| Tijolo | Tijolo | - | - |
| Casa | Casa | - | - |
| Cimento | Cimeto | Cimento | - |
| Prego | Pego | Prego | - |
| Telha | Tla | Tela | Telha |
| Fio | Fio | - | - |

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao analisarmos o quadro acima, percebemos que o discente conseguiu formar as palavras tijolo, casa e fio na 1º tentativa. Já na 2º tentativa, ele conseguiu formar as palavras cimento, areia e prego. E por fim, ele conseguiu terminar na 3º tentativa as palavras ferro e telha. Nesse sentido, consideramos que o discente demonstrou um rendimento satisfatório na realização da atividade, sendo que foi aplicada após alguns

dias da realização prática do jogo pedagógico, demonstrando que o discente apresentou um bom desenvolvimento durante a realização do ditado. Corroboramos com a fala de Santos (2010) ao salientar que:

A utilização do lúdico na escola é um recurso muito rico para a busca da valorização das relações, onde as atividades lúdicas possibilitam a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural e, com certeza, a assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade (Santos, 2010, p.15).

Em suma, enfatizamos a importância da utilização de recursos didáticos e metodologias de ensino que privilegiem a ludicidade, através de jogos e brincadeiras, fomentando assim o interesse e a participação discente no processo de desenvolvimento de sua aprendizagem.

7 Considerações finais

No ambiente escolar, é cada vez mais comum a inserção de discentes com dificuldades de aprendizagem (TDAH, discalculia, acalculia, dislexia, disortografia, disgrafia etc), em qualquer modalidade de ensino, sendo necessário um olhar sensível docente em proporcionar experiências enriquecedoras que promovam o seu efetivo desenvolvimento. Desta forma, é grandioso perceber a satisfação docente em auxiliá-los em seu processo de formação e desenvolvimento, seja ele cognitivo, emocional e social.

Sabemos que o trabalho com a EJA é bastante desafiador, pois muitos discentes trabalham durante o dia, e chegam cansados para a aula no turno da noite, apresentando muitas vezes, dificuldades em prosseguir em sua vida estudantil. Nessa perspectiva, o docente deve promover aprendizagens que fomentem o desenvolvimento discente de forma qualitativa e satisfatória.

Assim sendo, buscando uma efetiva aprendizagem discente, é que o professor deve ter consciência que todo indivíduo é um ser aprendente, em contínuo desenvolvimento independentemente da idade que tenham. No entanto, destacamos que se faz necessário que o professor busque metodologias de ensino que despertem o interesse do aluno, colocando-o como protagonista em seu processo de aprendizagem.

Logo, pensando em promover uma experiência exitosa com um discente da EJA que apresenta sinais de dislexia, é que nos propomos a criar e aplicar um jogo que envolvesse algo que despertasse o interesse do aluno, algo que estivesse presente no seu dia a dia. Deste modo, constatamos que desenvolver um jogo pedagógico que consistia em utilizar imagens de materiais presentes em seu local de trabalho (depósito de materiais de construção), foi uma ótima estratégia de ensino, atraiu a sua atenção, deixando-o motivado e instigado para participar da atividade proposta.

Assim, ao analisarmos o desenvolvimento das atividades, primeiramente da cruzadinha, percebemos que o discente apresentou um bom desempenho, acertando quatro palavras na 1ª tentativa, e as outras 2, na 2ª tentativa. Já no que se refere ao ditado com oito palavras no total (ferro, areia, tijolo, casa, cimento, prego, telha e fio), avaliando de forma mais qualitativa e não quantitativa, o aluno acertou três palavras na 1ª tentativa, o que não retira o mérito, pois ele tem o seu tempo e ritmo de aprender; quando errou na formação das outras palavras, foi em sua maioria, pela ausência de alguma letra presente nas palavras que continham dígrafos.

Portanto, consideramos positivo e promissor o desenvolvimento discente durante a realização da atividade. Desse modo, se houver um trabalho pedagógico contínuo por parte de seus professores, trabalhando com a ludicidade, o aluno terá um grande potencial de crescimento em sua competência linguística, principalmente na leitura e escrita.

Ressaltamos ainda a importância deste relato de experiência para a educação, pois há uma certa escassez de encontrar na literatura, trabalhos com a temática proposta neste artigo. Além de promover um momento de reflexão, auxiliando discentes em formação, bem como professores da educação básica, fomentando assim o aprimoramento das aprendizagens e conhecimentos, por meio de uma atividade lúdica, tendo como recurso didático o jogo.

Referências

Almeida, G. S. S. (2009). Dislexia: O Grande Desafio em Sala de Aula. *Revista Don Domênico*, v. 2.

- Amorim, A., & Duques, M. L. F. (2017). Formação de Educadores de EJA: caminhos inovadores da prática docente. *Revista Educação*, v. 40, 228 – 239.
- Castilho, M. A., & Tonus, L. H. (2008). O lúdico e sua importância na Educação de Jovens e Adultos. *Synergismus scientifica UTFPR*, 01 – 04.
- Gardner, H. (1998). "A Multiplicity of Intelligences". *Scientific American*.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Gonçalves, D. L. S., & Navarro, E. C. (2012). Como trabalhar com criança disléxica. *Revista Eletrônica da Univar*, n.º7, 81 – 85.
- Ianhes, M. E., & Nico, M. A. (2002). *Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Klinke, K., & Antunes, H. S. (2008). A modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em perspectiva: práticas escolares de letramento e formação de professores (as). *Revista Educação*, v. 33, 441 – 456.
- Lima, R. F. (2021). Quando o objeto de estudo é a Educação de Jovens e Adultos: estudos de revisão bibliográfica. *Pesquisa E Ensino*, 2(2), 202118. <https://doi.org/10.37853/202118>
- Medina, C.B. (2014). *Teorias da Aprendizagem*. Valinhos: UNINTER.
- Ministério da Educação (MEC). *Lei Número 9.394, 20 de dezembro de 1996*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília.
- Ministério da Educação (MEC). *Parecer Nº 11/2000, de 10 de Maio de 2000*. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília.
- Modesto, M. C., & Rubio, J. A. S. (2014). A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v.5, n.1, 1-16.
- Sampaio, S (2016). *Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico*. Rio de Janeiro: wak. 6º ed.
- Santos, S. C. (2010). *A importância do lúdico no processo ensino e aprendizagem*. Monografia de Especialização Latu-Sensu em Gestão Educacional. Santa Maria:

Universidade Federal de Santa Maria. Retirado em 10 de Setembro de 2020, de: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf?sequence=1.

Teixeira, C. (1995). *A ludicidade na escola*. São Paulo: Loyola.

Teles, P. (2003). Dislexia: Como identificar? Como intervir? *Revista Eletrônica da Univar*.